

O Portão de Entrada! Ensaio sobre o grupo de mães da favela do portão 9¹

Introdução

A partir das dificuldades encontradas na oficina de bordado oferecida às mulheres residentes em uma favela, procurou-se realizar concomitantemente um espaço de escuta. Tendo em vista que a psicanálise é uma prática terapêutica cujo objetivo é o alívio do sofrimento humano, e sendo que a transferência e o inconsciente perpassam as relações humanas, o instrumental psicanalítico oferece boas ferramentas para sua utilização onde esse sofrimento aparece.

Giovanetti² escreve que “o cerne do princípio da psicanálise está na ruptura de campos, deslocamos qualquer resquício de eficácia de que estivesse travestido o enquadre para o seu lugar legítimo. (...) [é o] jogo disposicional”. Assim, penso que uma oficina pode ser um local de análise.

A atividade principal não era um grupo terapêutico, e sim o ensino do bordado, entretanto, a bordadeira era uma psicanalista que podia escutar/sentir o sofrimento daquela comunidade, resolvi então não de forma interpretativa clássica, mas podendo entender e oferecer novos modelos para as relações estabelecidas e congeladas das mulheres com a sociedade ali representadas por mim. Oferecer possibilidade de novas associações, problematizar as idéias congeladas, promover insights é tarefa possível de realizar dentro da oficina. Então porque não fazer?

Assim valendo-me de autores como Freud, Agambem, Foucault e Winnicott vou pensar nessa população e na atividade que se desenvolveu, nesse primeiro momento, naquele espaço.

Sobre a Oficina³.

Chegar até o nove requer que passemos pelo um, dois, três... assim nos ensina a aritmética... Não será diferente para chegarmos até a favela do Nove. Temos um caminho a percorrer. (A

¹ Texto apresentado no V Encontro da Teoria dos Campos, na SBPSP em agosto de 2010.

² Giovanetti, A. 2002, p. 43.

³ Agradeço a Claudia Suannes, Renato Mezan e Miriam. D. Rosa pela cuidadosa leitura e discussão.

Favela do Nove é um conglomerado de casa que fica na entrada do portão nove do Ceasa, onde desenvolvemos um trabalho de bordado com as mães).

Joana⁴ chega e para na porta. Pergunta pela auxiliar de enfermagem, digo que não veio. Ela fica ali um pouco e depois entra, senta coloca a mão no rosto segurando-o como que cansada.

A cena de ela ficar parada na porta é uma repetição. Já fez isso outras vezes...

Convido-a para bordar, ela diz que está cansada... pego uma toalhinha e começo a fazer crochê na barra. Convido-a para fazer para mim, *“me contaram que você borda tão bem!”* eu digo. Ela concorda em fazer o trabalho para mim, pede para eu ensinar o crochê e que só vai fazer um pouquinho. Concordo e passo o tecido para ela. Ela começa a fazer, fico ali do lado fazendo outras coisas e olhando. Num dado momento, sento ao seu lado e começo a preparar outro tecido para uma outra toalhinha. Ela como uma gatinha, vai se enrolando em mim, pedindo aconchego.

A cena se passa à porta de um barraco onde desenvolvemos oficina de bordado para adultos. Joana me intriga, o que posso entender dessa cena?

A oficina⁵, transportada de seu sentido original (dos hospitais psiquiátricos) para um exercício de oficina de trabalho na qual um ensina e o outro é o aprendiz, é uma atividade oferecida por uma instituição que proporciona atenção às crianças em idade escolar, matriculadas regularmente nas escolas da redondeza e que moram nas favelas próximas a instituição. Esta instituição ajuda na documentação quando as crianças não têm, e intercede junto às escolas no sentido de que aquelas crianças frequentem o ensino regular.

A partir de uma atividade que pudesse oferecer uma renda-extra àquelas famílias, montou-se a oficina pensando na possibilidade de discutir com as famílias temas como educação, cuidados de saúde, cidadania, além de proporcionar às mães um momento de

⁴ Os nomes aqui usados são fictícios.

⁵ A oficina é um recurso utilizado nos processos de desinstitucionalização das pessoas com transtornos mentais. As oficinas servem para promover a reinserção social oferecendo aos pacientes psiquiátricos atividades nas quais envolvam trabalho de grupo, a confecção de um produto, uma continuidade e uma nova relação terapeuta-paciente. Esta relação visa à comunicação e a experiência de pertencimento, para tal o sujeito deve ser inserido no grupo de forma a exercitar seu livre pensar, sua capacidade de planejamento e execução. Ali, na complexidade do trabalho profissional de diferentes áreas atuam juntos e “experimentam os limites de seu saber a cada encontro e que, dispostos a lidar com sua prática artesanal, não recuam diante dos impasses que a falta inscrita em seu campo interdisciplinar lhes coloca, mas ao contrário, operam a partir dela” (Rickes 2006).

cuidado a elas, ou seja, quando a instituição cuida e olha para os adultos. Instituições voltadas às crianças estão presentes no cotidiano, entretanto serviços para os adultos é mais difícil de encontrar, e esta é uma população muito descuidada. Descuidada do poder público, que não se cuida, que foi descuidada pelos pais, etc. Muitas tentativas foram feitas pela instituição (reuniões de pais, visitas familiares, etc) a fim de se aproximar das famílias dessas crianças, entretanto essas atividades se mostravam inadequadas, foi então que surgiu a idéia da oficina de bordado. As mães foram convidadas a irem à instituição no período da noite para aprenderem a bordar e os pais a freqüentarem a oficina de marcenaria, duas atividades oferecidas para as crianças agora ao alcance dos adultos. Mais tarde, essa oficina foi levada à favela, transpondo a avenida e alocando-se dentro de um barraco.

O grupo foi se constituindo e aprendendo o ofício do bordado. Neste contexto, resgatava uma prática das mulheres que é a costura assim como possibilitava a elas o aprendizado ou desenvolvimento de um ofício possibilitando a reinserção social. O bordado é um jogo de entrelaçamento ordenado de linhas, como nossa vida e nosso psiquismo já descrito por Freud em 1898 como um novelo lã. Podia ver nas sacolinhas as linhas emaranhadas e aos poucos eram resgatadas por elas, e ganhavam ordem no contexto do bordado... como uma ilustração do processo proposto por Freud. Rompiam-se a barreira e ganhavam outro lugar.

As mães começavam a aprender a bordar ali no barraco instalado na favela e posteriormente, após ganharem familiaridade com a atividade passavam até a instituição. Assim nasceu uma cooperativa a qual recebe encomendas de jogos americanos, toalhas, caminhos de mesa etc e também vende em feiras de artesanato, oferecendo uma renda complementar às mães-bordadeiras.

Joana faz parte desse um grupo de bordado do barraco-escola (como é referido na instituição), para o qual entrei após a demissão da bordadeira anterior.

Quando fui trabalhar nesse local, a direção da instituição me avisou que a saída da bordadeira havia provocado raiva... e elas falaram que não deixariam entrar ninguém no lugar. (Afinal quem manda na favela, não se muda as regras assim!). A instituição habilmente, por já estar instalada nessa local há alguns anos, esperou algum tempo para depois me chamar. No meu primeiro dia, compareceram várias mulheres, começaram bordados novos, me ajudaram

na cópia dos desenhos⁶ mas depois desapareceram na segunda vez que fui lá bordar. Elas me faziam sentir que ali não era meu lugar, o que de fato estavam certas, eu não sou uma moradora da favela. Estar ali era um aprendizado, andar naquela viela estreita, com as tampas de esgotos um pouco bambas, poças de água por ali... algumas vezes com mau cheiro dos esgotos insuportável. Para mim era claro, podia estar ali por um momento, para desenvolver meu trabalho, depois iria para o aconchego do meu lugar. Elas não, estariam ali por um tempo indeterminado, com aqueles obstáculos e odores.

Depois de algumas vezes ali sem comparecer nenhuma mulher no barraco e ao vê-las ali na frente das casas fui ao encontro delas e ao serem convidadas a bordar me falavam sempre a mesma coisa, *cansei de bordar, vou dar um tempo*. Esse era o protesto delas. Será que é este o gesto que confere autoria a estas mulheres, o não fazer? Como o gesto da horda primeva que os fez cidadãos após o gesto ativo de matar o pai. Enquanto Foucault fala do gesto de autoria, Winnicott vem apresentar o gesto como uma criação, que faz o bebê “onipotente” diante do mundo. Gesto surge por 1 necessidade instintiva que deve ser experimentada como si mesmo, nele comparecem a motilidade e elementos eróticos. Si mesmo: ação, corpo vivo, corpo erótico que se faz vivo a partir do ambiente ofertado pelo colo materno. É o gesto que articula as necessidades do ego e do id, e assim contém a experiência de onipotência.

Elas que estão acostumadas a não serem reconhecidas; junto com seus filhos, parceiros, amigos. Fazem parte da sociedade excluída das políticas, dos mapas da cidade; e aqui fazem esse gesto para marcarem seus lugares e assim recuperar a cidadania que por ora, pela demissão que não concordavam, acharam que tivessem perdido.

Eu sabia que devia dar tempo para entender aquelas mulheres! Teria que bordar minha vida na delas! Mas como? “*É a minha vida que eu quero bordar na sua... Como se eu fosse o pano e você fosse a linha (...) e agulha do real nas mãos da fantasia fosse traçando nosso dia-a-dia*”, como canta G. Gil⁷.

⁶ Os bordados têm riscos prévios que estão desenhados em papel sulfite. Cada mulher escolhe o desenho que quer bordar, daí deve-se passá-los para o tecido com ajuda de um papel carbono. É um processo demorado uma vez que após serem passados, deve-se checar se todos os traços do desenho estão visíveis para a bordadeira.

⁷ A Linha e o Linho – música e letra de Gilberto Gil

O motivo da demissão da bordadeira foi para dar mais autonomia ao grupo, quer dizer, os riscos deveriam partir delas após algum tempo e mesmo a combinação das cores, mas parece que não foi compreendido assim. O que será que elas entenderam? Assim como eu deveria aprender a caminhar pela favela, elas deveriam aprender a andar pelas vias da sociedade extra-favela. Éramos aprendizes dos dois lados assim como monitores-educadores, enquanto eu ensinava-as a bordar para poderem transitar pelas ruas da cidade, elas me ensinavam os percalços daquele lugar. Estar ali, conforme nos ensina Rickes, era estar aberto a tocar os limites do meu saber, era por a disposição delas minhas inabilidades e tecer juntas um caminho comum, sem recuar diante dos impasses que aquele campo me colocava.

Se Joana gostava de bordar, porque teria interrompido essa atividade? Ficava perto, junto com outras companheiras me olhando de longe. Nos olhávamos mutuamente, eu vendo seu isolamento e ela vendo minha exclusão.

Essa era uma grande lição, pois os obstáculos que apareciam não me tiravam daquele lugar, mas eu procurava fazer alianças com uma ou outra mulher de modo a me ajudar a enfrentá-los. Poder estar ali, sentindo a solidão que elas me impunham, o descaso delas para comigo assim como tendo que desenvolver o trabalho pedido pela instituição – como a sociedade pedindo a elas para se colocarem, mas sem dar espaço – me deu subsídios para ajudá-las na construção da relação, pois eu também sabia/sentia o que elas sentiam quando precisavam sair dos contornos da favela e entrar na sociedade, sem ser recebido.

Assim como meus passos ali dentro deveriam ser cuidadosos, ocupar aquele lugar de bordadeira também deveria ser. Não se pode esquecer a riqueza do bordado, faz um risco e ponto a ponto vai se transformando o desenho que, todo colorido ganha forma e beleza para ocupar um outro lugar. E porque usar riscos já prontos? Ao pedir riscos próprios, oferece às mulheres uma outra possibilidade de linguagem e de verem a beleza no cotidiano delas, e novos riscos para serem bordados. Abre-se para uma infinidade de possibilidades – cores e riscos!

Dali, daquele pano simples, produz-se uma toalha de mesa, uma toalha de lavabo, ou um pano de prato. Um acessório que vai “morar” em outro lugar, feito para enfeitar outra casa. Aquelas mulheres que não têm lugar no mundo fazem bordados para enfeitar outras casas!

E ainda, a oficina acontece duas vezes por semana e não tem frequência obrigatória. Eu estou ali pronta para acolher a mulher que chegar, e da forma que chegar, como Joana que chega só até a porta. E o tecido é nosso meio, ele vai e volta... fica com elas para ser bordado ali no barraco comigo, assim como em casa, junto com aqueles com quem convive, ou na porta de casa junto às amigas. Essa permanência oferece a experiência de continuidade, não é apenas a linha contínua do risco, mas a regularidade, estou ali duas vezes por semana para tecer com elas.

Volto a Joana, e recorro a Agamben para me ajudar a bordar essa estória. O autor vai buscar nos gregos, seus filhos, para tramar seus conceitos. Escreve ele:

“Os gregos não possuíam um termo único para exprimir o que nós queremos dizer com a palavra *vida*. Serviam-se de dois termos, semântica e morfologicamente distintos, (...) *zoé*, que exprimia o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e *bíos*, que indicava a forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou grupo.”⁸

Isso nos leva a pensar que o autor está falando de um modo de vida específico dos homens, estes têm uma organização de vida diferente da apenas biológica. Os homens se organizam de forma particular para desenvolverem a política. Esta está ligada a linguagem, ao estabelecimento de normas, de bem e mal, de justo e injusto, e mais tarde, no poder na mão dos governantes, sejam eles públicos ou privados⁹.

Trazendo outros autores para a discussão, Freud escreve que há um antagonismo entre a pulsão e a civilização, e Foucault vem falar dos corpos dóceis, para designar a docilidade dos homens frente a educação social. Assim, desde a civilização grega já temos essa denominação de que os indivíduos devem ser “educados” (por falta de uma palavra melhor) para viver em sociedade, e diversos autores vêm refletir sobre esse acontecimento - Freud na vertente da saúde mental, já Foucault para entender as políticas sociais e Agambem vem mostrar como a sociedade moderna se organizou dentro dessa biopolítica, definida por Foucault, para estabelecer os mecanismos da duplicidade: justiça-injustiça, bem-mal, exclusão-inclusão.

⁸ Agamben 2002, p. 09.

⁹ Estou usando as palavras – público e privado – no sentido figurado, de legitimado pelo povo ou poder estabelecido por uma comunidade, de uma classe social, etc.

É nessa duplicidade que temos que pensar na nossa dificuldade em chegar no Nove. Quais são os passos a serem dados?

Morar na favela é estar excluído das políticas públicas de habitação. São amontoados de casa que não seguem regras de espaço e os serviços básicos não estão disponíveis, isto é, não há saneamento básico nem distribuição de água tratada e nem de energia e ainda também não há o serviço de coleta de lixo. Ao fazerem política está se escolhendo a quem serão dados os serviços básicos e quem estará à margem deles, e esta é uma população que está na margem... na margem da pobreza, na margem da miséria, nas margens dos serviços de saúde. E daí a necessidade de criar redes internas para suprir as próprias necessidades. Se não há distribuição de energia, “faz-se gatos”, a mesma coisa com a água, puxa do cano da rua... se não há esgoto público, faz-se fossas... e assim a população da favela vai aprendendo a “se virar” longe do poder público. Apesar da precariedade, há mulheres que são lavadeiras – lavam a roupa das casas que provavelmente tem água encanada. Há muitas crianças excluídas da escola, há muitas pessoas excluídas dos empregos formais, e há muitas pessoas sem “registro de nascimento” ou documentação formal. Como acreditar em alguém de fora daquele círculo?

A sociedade age como se fosse uma escolha deles, esquecemos que a cidade não comporta e nem oferece habitação a todos. Podemos ver a verticalização das moradias, e o encurralamento da população pobre para os limites da cidade. Nesse espaço, que já não cabe nada, onde o espaço é pequeno e não comporta todos, e também não há dinheiro para construir casas para todos, “eles se viram”. Fazem casas grudadas, sem recuos ou janelas, em espaços pequenos, sem a privacidade das famílias burguesas¹⁰, modelo construído me meados do século XIX e seguido até os dias de hoje. Pede-se um preço alto a eles. Oferece-lhes o lugar de não-cidadãos, sem direito a nada, e quando se manifestam, se colocam como cidadãos pedindo o olhar do poder público, reivindicando seus direitos de cidadãos, a sociedade trata logo de devolvê-los para seu lugar: é quando a polícia aparece e os silencia. São excluídos do olhar da sociedade, como se tivesse uma norma da qual eles estão fora¹¹. Fora de quê? Das redes de emprego... E elas existem, acolhem a todos? Um bem na sociedade

¹⁰ Pôster 1979, p. 186-189.

¹¹ Bauman, p. 50.

brasileira é a “carteira assinada”, e ali junto daquela população muitos tem “que se virar” para poder oferecer comida a seus filhos. Pegar frutas e verduras que sobram dos caixotes do Ceasa é uma prática comum. A favela vive de “bater caixa”, ou seja, pregar madeiras na produção de caixotes para os produtos vendidos no entreposto, homens, mulheres, crianças... muitos batem caixa, outros “se viram”.

A vida do bandido, como escreve Agamben é, em vez disso, um limiar de indiferença e de passagem entre o animal e o homem, a exclusão e a inclusão: lobisomem, ou seja, nem homem nem fera, que habita paradoxalmente ambos os mundos sem pertencer a nenhum, e como tal pode ser morto sem que alguém tenha culpa por isso¹².

Este grupo já está funcionando desde 2005 sempre com a mesma bordadeira, e a instituição já conseguiu algumas benfeitorias para a comunidade. Há um espaço-praça com alguns brinquedos para as crianças, houve também a implantação da rede de esgoto, coleta de lixo dentro da favela... e o grupo de bordado. É a sociedade olhando para seus “monstros internos”, aqueles que Freud fala no seu texto que por um mecanismo de defesa cindimos e deixamos lá, reprimidos. Mas ele também nos lembra que esses mesmos conteúdos reprimidos voltam, e nos parecem estranhos, muitas vezes assustadores¹³. As mulheres do bordado vêm mostrar essa falta de cuidado a que estão sujeitas, e Joana nesse gesto de sentar perto, vem pedir esse cuidado. A vida na favela parece tão longe da realidade social, e, no entanto é a vida crua, são as necessidades primárias pedindo para serem satisfeitas. É essa nossa repulsa, é tão próximo que nos fica estranho.

Perder a proteção paterna é sempre assustadora... depois de matar o pai da horda, os filhos tiveram que se organizar para se protegerem, ali aquela população já perdeu a proteção do estado, sobra se organizarem para conseguir a proteção de um chefe da favela.¹⁴

Agora retira-se a bordadeira... uma pessoa que conquistou a confiança das mulheres, que fez a ponte entre a casa delas e a instituição, ou seja colocou-se fora da exclusão por algum tempo, e coloca-se uma outra pessoa – quem é esta outra mulher?

¹² Agamben, 2002, p. 112; podemos também lembrar as chacinas que acontecem nas periferias da cidade.

¹³ Freud, S. [1919] 1986.

¹⁴ Freud, S. [1913] 1986.

“Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle.” (Calvino 1990, p. 19).

Seria fácil entrar na competição como fez Palas ao enfrentar Aracne¹⁵, mas não era esse o caso... ali não precisa ser a melhor, mas dever-se-ia tecer com destreza as relações entre elas e mim. No mito Palas tece a disputa do nome do país, já Aracne tece as perdas das mulheres, nos enganos que são envolvidas e arremata com finas flores e heras entrelaçadas. Era sobre as perdas que se devia pensar, pois ali havia uma perda e talvez um engano?

Já acostumados a serem excluídos, porque não mais uma exclusão?

Joana ao chegar no barraco e ir se enrolando como uma gatinha o que entendo como um pedido de aconchego me diz do medo de retirarem delas o acolhimento que a outro bordadeira oferecia... dão e depois tiram quando querem? É claro que foi explicado o motivo da demissão da outra bordadeira do grupo, mas isso não bastava... era preciso sentir que não foram tratadas mais uma vez como o grupo dos excluídos, a quem o discurso sócio-político as faz como não merecedoras do olhar, de opinião, de voz.

A fragilidade da vida... a necessidade de cuidado que o ser humano precisa, seu estado de dependência do outro que pode-se traduzir pela dependência do poder público como também do privado, da necessidade de reconhecimento e como tal de identificação. Aqui Joana entra com seu pedido de ser cuidada, mostra, expõe sua fragilidade toda: para cuidar de sua família “se vira”, não como uma gata pedindo carinho, mas, pedindo para ser atendida nas suas necessidades básicas.

Por que Joana não volta a bordar? A exclusão não a deixa entrar. Seu gesto de existência está na negação de entrar na roda de bordado. Ela não sente que pode existir. Toda sociedade a coloca como inexistente, eles passam a ter um lugar quando fazem um gesto de mostrar que existem, que tem vontade, que pensam. Daí a sociedade os devolve para seus lugares de excluídos, para debaixo do tapete com o discurso do poder¹⁶. Por isso eu deveria

¹⁵ Ovídio 2000.

¹⁶ Sobre a discussão dentro da aula *Indivíduo e Sociedade em Freud e Lacan*, ministrado pela Prof Dra M.D. Rosa na PUCSP, 2009.

acolher Joana, mesmo não querendo bordar, mas indo lá no barraco, e num gesto de criança mimada se vira quando convidado para bordar. Sorri e diz que não.

Winnicott caminhando sobre a conceituação freudiana de narcisismo, vem falar da mãe suficientemente boa aquela que oferece quase tudo, mas deixa que seu bebê perceba a falha também. Talvez a Joana foi deixado que ela só percebesse a falta e agora, como um bebê vem a procura do olhar materno que a reconhece, e lhe devolve o olhar. É preciso restaurar o narcisismo quebrado... tantas exclusões, tanta falta de olhar... será que mais uma vez serão postas de lado?

Outras mulheres já voltaram à roda de bordado, e outras novas vieram... Pediram para fazer crochê, o que prontamente deixei, aos poucos fui fazendo o crochê voltar para as toalhas de lavabo, e depois bordamos o centro delas. Antes as toalhas eram bordadas por elas e depois se fazia a barra na máquina de *ajour*, agora elas fazem a barra de crochê e bordam também o centro. Fui bordando das bordas para o centro, primeiro foi necessário fazer o contorno – deixar claro quem eu era, que poderia oferecer meu olhar - para depois bordar, colocar a nobreza do trabalho para ser apreciada, compartilhada. Joana, ainda não participa, mas volta lá para medir a pressão e trocar um olhar com as outras mulheres que estão bordando.

Depois de percorrer esse caminho, Agamben então me dá a resposta, devo devolver-lhes a vida sacra, retirando-as, por um instante, do lugar de homem-lobo, da indiferença que a sociedade lhes olha. Pois viver sem as necessidades básicas, como um cachorro vira-lata, isso são os bichos! Identificar-me com aquele sofrimento, mesmo que só por algumas horas e oferecer cuidado, fazer brotar, como me um passe de mágica, a preciosidade do trabalho de bordadeira – pontos precisos, colorido específico dando vida às formas antes riscadas.

Após 7 meses

Joana voltou a bordar, entrou no grupo. Propus bordar um desenho da filho, ela aceitou. Riscamos e escolhemos as cores, já que ele havia feito apenas com grafite. Nos momentos em que chegava dizendo que não iria bordar eu me propunha a fazer um pedaço, enquanto estivesse desocupada, assim como fazia com as outras mulheres. Sempre me dispunha bordar um pouco dos tecidos delas.

Aos poucos o grupo foi ficando mais participativo e elas começaram a se ajudar. Joana tem um lugar de ponte entre a instituição e o barraco. Ela mesma incentiva as mulheres a participarem da oficina na instituição (do outro lado da avenida), se propõe a acompanhá-las inclusive e eu também peço ajuda dela quando proponho outro tipo de bordado.

E sobre a produção, ela é uma crítica, ela ora elogia e ora reprova.

Bibliografia:

- Agamben, G.O Bando e o Lobo. In Agamben, G. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*, BH: Ed. UFMG 2002.
- Bauman, Z. Os estranhos da era do consumo: do estado de bem-estar às prisões. In Bauman, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. RJ: Jorge Zahar Ed. p. 50.
- Calvino, I. Leveza. In Calvino, I. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. SP: Companhia das Letras, 1990, pp. 13-41.
- Poster, M Mudanças na Estrutura da Família. In Poster, M *Teoria Crítica da Família*, RJ: Zahar Ed, 1979, pp. 184-204;
- Freud, S. (1893-5) Estudos Sobre a Histeria. In *ESBOPCSF*, RJ: Jorge Zahar, 1986. pp. 43-363.
- Freud, S. (1919) Estranho, In *ESBOPCSF*, RJ: Jorge Zahar, 1986. pp. 275-319, Vol. XVII.
- Freud, S. (1913) Totem e Tabu. In *ESBOPCSF*, RJ: Jorge Zahar, 1986. pp.17-190, vol. XIII
- Giovannetti, A Teoria dos Campos: Psicanálise sem Dentro e Fora. In Barone, L. M. C.; Giovannetti, A.; Hermann, L.; Taffarel, M.; Zecchin, R. M. do N. (org). *O Psicanalista: hoje e amanhã*, SP: Casa do Psicólogo, 2002. pp. 37-45.
- Herrmann, F. *Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação*. SP: Ed. Brasiliense, 1993.
- Ovídio (2000) *Metamorfosis*, Livro VI, versos 1 -145. Madrid: Alianza Editorial, 2000, pp195-199.
- Rickes, S. M. . Letras em Oficina: criando aberturas para inscrever lugares-sujeitos. In: VII Seminário de pesquisa em educação da região sul - ANPED Sul, 2008, Itajaí. VII Seminário de pesquisa em educação da região sul - ANPD Sul / Pesquisa e Inserção. Itajaí : UNIVALI, 2008. p. 1-15.
- Rickes, S. M. . O território híbrido das oficinas terapêuticas - entre a educação e a clínica. In: VI Anped Sul, 2006, Santa Maria. VI ANPED Sul - Seminário de Pesquisa da Região Sul. Santa Maria : Universidade de Santa Maria, 2006. p. 1-12.

Rickes, S. M. ; Rainone, F. ; Lerner, S. ; Gleich, P. ; Corso, L. L. . Construções em oficina: da produção de imagens à produção de si. *Boletim da Saúde JCR*, 2009.

Valladares, A. C. A.; Lappann-Botti, N. C.; Mello, R.; Kantorski, L. P.; Scatena, M. C. M. Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 5 n. 1 p. 04 – 09, 2003. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/Revista>.

Winnicott, D. W. (1959) La préoccupation maternelle primaire. In Winnicott, D. W. *De la Pédiatrie à la Psychanalyse*. Paris: PBP, 1973, pp. 168-174.